

SÔBRE OS GÊNEROS *ANCINUS* MILNE EDWARDS, 1840 E
BATHYCOPEA TATTERSALL, 1909, DA COLEÇÃO
U. S. NAT. MUS.

(ISOPODA-CRUSTACEA) *

(Com 8 figuras)

JAYME DE LOYOLA E SILVA **

Departamento de Zoologia
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, PR.

INTRODUÇÃO

Os Sphaeromatidae, animais que aparentemente estão em um ativo processo de migração para a terra, apresentam adaptações aos mais diversos habitats litorâneos e variações morfológicas que permitem ver o grau de evolução. A larga distribuição geográfica de algumas espécies e a resistência a grandes diferenças de salinidade e profundidade, em alguns casos, chegam a atrapalhar o sistemata. Não bastassem essas variações naturais, existem ainda outros problemas de publicações com desenhos às vezes não correspondentes à realidade, sistematização genérica incorreta, descrição de espécies novas com base unicamente em fêmeas ou, às vezes, até em indivíduos jovens, e mormente a dificuldade do estudo dos tipos. São problemáticas atuais, que levam nós outros, que trabalhamos com êsses isópodos, a criar espécies novas quando já são conhecidas. Urge, portanto, uma sistematização com conceitos claros dos gêneros, assim como desenhos mais originais possíveis e feitos com carinho e re-estudo, pelo menos dos caracteres mais importantes. Estamos tentando chegar a êste ponto com o estudo minucioso de cada uma das espécies de Sphaeromatidae.

GEN. *ANCINUS* MILNE EDWARDS, 1840.

Espécie tipo: *Naesa depressa* Say, 1818. Journ. Acad. Nat. Philadelphia. 1:482.

Ancinus Milne Edwards, 1840. Hist. Nat. Crust. 3:225. — WHITE, 1847. List Crust. Brit. Mus. p. 105. — DANA, 1853. U. S. Expl. Exped. Crustacea, part II:749. — BATE & WESTWOOD, 1868. Hist. Brits. Sess. eyed Crust. 2:399. — GERSTAECKER, 1882. Klass. Ord. Thier-Reichs, Arth. 5(2):224. — STEBBING, 1893. Hist. Rec. Crust. Intern. Sci. Ser. 71:366. — RICHARDSON, 1900. Am. Natur. 34:224. — RICHARDSON, 1901. Proc. U. S. Nat. Mus. 23:537. — RICHARDSON, 1905. Bull. U. S. Nat. Mus. 54:271. — HANSEN, 1905. Q. J. Mier. Sci. 49:114. — TATTERSALL, 1906. Fish Ireland Scient. Invest. 1904-05. 2:11. — RICHARDSON, 1906. Proc. U. S. Natl. Mus. 31:1. — HOLMES & GAY, 1909. Proc. U. S. Natl. Mus. 36:375. — RICHARDSON, 1909. Proc. U. S. Natl. Mus. 36:175. — NIERSTRASZ, 1931. Siboga Exped. Flab. II:220. — LEMOS DE CASTRO, 1959. Rev. Brasil. Biol. 19(2):215. — MENZIES & BARNARD, 1959. Pacific Natur. 1(11):30. — LOYOLA e SILVA, 1963. Bol. Univ. Paraná. Zoologia 2(1):1. — LOYOLA e SILVA, 1967. Ciência e Cultura. 19(2):346.

Diagnose (nova): O corpo é alongado e deprimido. A cabeça fusionada com o primeiro segmento torácico e sem sutura no meio tergal; anteriormente, tem as margens laterais alargadas e de aspecto aliforme. O epístoma é estreito. O primeiro artigo do pedúnculo da primeira antena não é projetado anteriormente. O endite interno da pri-

* Contribuição n.º 246 do Departamento de Zoologia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, e do Instituto de Defesa do Patrimônio Natural da Secretaria da Agricultura.

** Com bolsa de estudos da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, New York, N. Y. U. S. A.

meira maxila é degenerado. A segunda maxila é composta de dois lobos. O maxilípede é curto, alargado, mas de palpo desenvolvido. Os apímeros torácicos são dobrados para baixo. O primeiro segmento do abdômen está fundido com o télson, sem qualquer traço de articulação. No primeiro segmento do abdômen há em cada lado somente uma sutura pleonital muito reduzida (segundo os nossos conhecimentos é impossível dizer a que pleonito pertence) e, o primeiro pleonito é incompleto. O primeiro pleópode é uniramoso. O exopodito do terceiro pleópode é uniarticulado. O urópode é uniramoso, apresentando somente o exopodito, e seu basipodito não é expandido lateralmente.

DISCUSSÃO E HISTÓRICO

Era pensamento do autor (1963:3) considerar como caráter diagnóstico básico para o gênero *Ancinus* Milne Edwards, 1840 a fusão da cabeça com o primeiro segmento do tórax, sem sutura no meio tergal. Essa característica até então não tinha sido percebida pela maioria dos autores que, ao descreverem espécies, alguns nem importância específica lhe deram. As únicas referências que tivemos, após verificarmos o fato, foram de TATTERSALL, (1906:12, 16), quando descreveu *Bathycopea typhlops*, e RICHARDSON (1909:175), quando redescreveu *Ancinus depressus* (Say, 1818), mas o citam apenas como um caráter específico, sem qualquer ênfase. Este é, ao nosso ver, um caráter realmente importante e de evolução, pois trata-se de fusão de somitos anteriores, o que, principalmente nos isópodos, é mais difícil de se ver do que nos somitos posteriores. Durante o meu estágio na Smithsonian Institution, United States National Museum, Division of Crustacea, tendo estudado os vários exemplares de *A. depressus* da coleção e, igualmente, o seu holótipo existente na Academy of Natural Sciences of Philadelphia, o holótipo de *Ancinus granulatus* Holmes and Gay, 1909 e mais *Bathycopea typhlops* e *B. daltonae*, pude ver que esse caráter era comum aos gêneros *Ancinus* e *Bathycopea*. O primeiro impulso foi o de reunir os dois gêneros num único, como também pensou TATTERSALL (1906:15) embora não com base neste caráter. Todavia, os caracteres que pudemos desvendar com o nosso estudo e que enunciamos em tabela no fim deste capítulo, para nós, evidenciam os dois gêneros como bons.

MILNE EDWARDS, 1840, instituiu a "Tribu des Sphéromiens Chaelifers" para o único gênero *Ancinus* Milne Edwards, 1840, tendo como base a conformação dos dois primeiros pereiópodes. DANA (1853:749), baseado nesses mesmos caracteres, estabelece uma subfamília para comportar este único gênero. Em 1906, TATTERSALL instituiu a família Anciniidae, incluindo além de *Ancinus* um gênero novo, *Bathycopea* Tattersall, 1906. Os caracteres que TATTERSALL instituiu para a nova família Anciniidae, isolada portanto dos Sphaeromatidae, são os seguintes:

"Corpo de forma largamente oval e excessivamente deprimido; capaz de ser dobrado sobre ele mesmo, assim que o metasoma torna-se oposto à superfície ventral do céfalon; isento de armadura, salvo algumas setas nos lados do mesosoma. Céfalon pequeno, distinto do mesosoma. Mesosoma com todos os segmentos distintos e subiguais em tamanho, epímeros largos e muito distintos, assim que o corpo é dividido em três divisões, uma central mais larga e duas laterais mais estreitas, como em Serolidae. Metasoma com os primeiros dois segmentos distintos; o primeiro tendo o epímero bem definido, os outros quatro segmentos restantes fundidos em uma grande placa triangular. Os olhos, quando presentes, são colocados na superfície dorsal do céfalon e não lateralmente. As antenas são quase iguais, o par superior sendo levemente mais longo que o inferior. Mandíbulas moderadamente fortes, com o palpo bem desenvolvido, triarticulado. Maxilas, pequenas e delicadas. Maxilípedes pequenos, cobrindo inteiramente as maxilas. Primeiras patas torácicas de ambos os sexos grandes, subqueliformes, propodito muito expandido, dáctilo longo e fortemente curvado. Segunda pata torácica do macho similar àquela da primeira, mas muito menor. Aquela da fêmea, simples e mais fina. Da terceira à sétima pata torácica de ambos os sexos, simples e de forma um pouco mais estreitas. Pleópodes foliáceos, parcialmente natatórios, parcialmente branquiais. Urópodes extremamente grandes e uniramosos, consistindo de um curto artícolo basal e de um longo artícolo terminal curvado, semelhante a uma foíce".

Segundo nossa opinião (1967:346), e como explanaremos abaixo, os caracteres que TATTERSALL usou para a instituição da família são fracos, pois observáveis em típicos Sphaeromatidae.

Nos gêneros das secções Ancinini e Cassidinini de HANSEN, 1905, as espécies têm o corpo deprimido ou excedentemente deprimido. Os gêneros *Euvallentinia* Stebbing, 1914 e *Tecticeps* Richardson, 1897 apresentam o corpo capaz de ser dobrado sobre ele mesmo, de maneira que o metasoma torne-se oposto à superfície ventral do céfalon, ou seja, como chamamos em dobradiça. Quanto à divisão do corpo em três regiões, uma tergal e duas epimerais laterais é normal para *Cassidinidea lunifrons* (Richardson, 1900). No que diz respeito à caracterização dos dois primeiros pereiópodes do macho e do primeiro da fêmea, subqueliformes, para esta família, não há exclusividade, pois existem igualmente nas espécies do gênero *Tecticeps* RICHARDSON, 1897. Os urópodes uniramosos não são peculiares da família Anciniidae como queria TATTERSALL, mas ocorrem também nos gêneros *Monolistra* Gerstaecker, *Scutuloidea* Chilton, 1882 e em *Ancinella* Hansen, 1905.

Vimos razão em discutir os caracteres que acabamos de citar, mas quanto aos outros enunciados por TATTERSALL, para a família Anciniidae, são tão comuns que não merecem referência. Os gêneros a que acima nos referimos e muitos outros que também são tipicamente Sphaeromatidae, são intimamente afins a *Ancinus* e *Bathycopea* e, se considerarmos a família Anciniidae instituída por TATTERSALL, teremos obrigatoriamente de dividir os Sphaeromatidae em outras famílias para o que não vemos razão. Dizemos isso porque ambos os gêneros enquadram-se perfeitamente na família Sphaeromatidae por possuírem os cinco segmentos anteriores do abdômen completamente fundidos, sem qualquer possibilidade de articulação, e que se constituem no primeiro segmento abdominal; por terem as placas epiméricas fundidas com os segmentos torácicos, sem qualquer traço de articulação. Não concordamos com a separação de *Ancinus* e *Bathycopea* em uma família à parte, mas opinamos pela sua permanência dentro da família Sphaeromatidae.

Ainda quanto ao trabalho de TATTERSALL, 1905, temos dúvidas quanto a alguns caracteres, tais como: 1) sutura epimeral existente no primeiro segmento do tórax, conforme mostra o desenho de TATTERSALL (1906: pl. III). Verificamos os exemplares parátipos enviados pelo próprio TATTERSALL ao U. S. Nat. Museum, e nada constatamos de su-

tura epimeral na primeira placa, aliás, como é normal para todos os Sphaeromatidae que conhecemos; 2) sutura epimeral no primeiro segmento do abdômen, constante não somente da plancha indicada, mas também da descrição de TATTERSALL (1906:12). Não existe tal sutura no parátipo que estudamos, como também não existe em nenhum dos Sphaeromatidae que temos estudado; foi portanto outro lapso por parte de TATTERSALL.

HANSEN (1905:110) criou a secção Ancinini, dentro dos Platybranchiatae, com base nos pleópodes, comportando os gêneros: *Ancinus* Milne Edwards, 1840; *Tecticeps* Richardson, 1897 e *Ancinella* Hansen, 1905.

RICHARDSON (1905:271) dá como um dos caracteres genéricos de *Ancinus* "Outer branch of uropoda entirely wanting". Como já salientamos e discutimos (1963:2), o único ramo que existe nos urópodes é o exopodito. Os primeiros autores a fazerem referência à falta do endopodito dos urópodes foram BATE & WESTWOOD (1868:399).

RICHARDSON (1909:174, 177) admite a família Anciniidae criada por TATTERSALL, mas diz que o gênero *Ancinus* devia permanecer nela sozinho como gênero tipo, e o gênero *Bathycopea* dela retirado, e dá como principal razão para isso "o primeiro pleópode uniramoso e o segundo opercular". Eis aí outra razão pela qual fizemos a advertência, neste trabalho, do perigo do desmembramento dos Sphaeromatidae em várias outras famílias e sem fundamento. Na mesma publicação RICHARDSON criou, para os seguidores de HANSEN, o grupo Colobranchiatae, para conter o gênero *Ancinus*, mas opta pela família Anciniidae. Quanto a isto também já tivemos oportunidade de nos referir (1963:2), nos seguintes termos: os grupos criados por HANSEN, que são Eubbranchiatae, Hemibranchiatae e Platybranchiatae, têm por base a presença ou ausência de dobras branquiais no 4.º e 5.º pleópodes. Não tem fundamento o grupo Colobranchiatae de RICHARDSON, pois tem base exclusivamente no 1.º pleópode uniramoso (do grego Koilos=incompleto) e no segundo, opercular. Isso para nós, demonstra que a autora, ora formando uma família, ora sugerindo os Colobranchiatae, tinha uma certa insegurança e instabilidade, pois não dava certeza de seus intentos. Tanto o gênero *Ancinus* como *Bathycopea*

enquadram-se perfeitamente na família Sphaeromatidae, principalmente por possuírem os 5 (cinco) segmentos anteriores do abdômen completamente fundidos um ao outro e por terem as placas epiméricas fundidas com os segmentos torácicos, sem qualquer traço de articulação. Além disso, devem ambos os gêneros permanecer dentro do grupo Ancinini Platybranchiatae de HANSEN, justamente por possuírem ambos os ramos do 4.º e 5.º pleópodes completamente sem dobras transversas; seus exopoditos sem articulação; o primeiro pereiópode queado em ambos os sexos e as mandíbulas sem processo mastigador.

Ainda, na coleção do U. S. Nat. Museum, encontramos outro representante de *Ancinus*, o então *Ancinus daltonae* Menzies & Barnard, 1959. Após estudarmos com minúcias, vimos ter esta espécie muito mais afinidades pelo gênero *Bathycopea*. Assim sendo, como se verá no fim deste trabalho, transferimos esta espécie para o gênero de TATTERSALL, ficando então *Bathycopea daltonae* (Menzies & Barnard, 1959).

Como epílogo deste histórico e discussão, é nossa opinião, como já publicamos (1967:346), que não há razão para a instituição de uma família independente de Sphaeromatidae para incluir os gêneros *Ancinus* Milne Edwards, 1840 e *Bathycopea* Tattersall, 1906. Opinamos isso porque, como já temos frisado tantas vezes, os representantes dessa família apresentam um grande poder de adaptação para os meios terrestres e, assim, tanto a fusão do primeiro segmento torácico com a cabeça (caráter êsse ao nosso ver muito mais importante que qualquer um dos instituídos por TATTERSALL e por RICHARDSON), como a queliformização dos dois primeiros pereiópodes e as diferenças pleopodais, são caracteres de evolução ou de tentativas de evolução e, nem por isso pensamos que êsses isópodos tenham perdido ainda, atualmente, as afinidades gerais dentro da família Sphaeromatidae.

ANCINUS DEPRESSUS (SAY, 1818)

Naesa depressa Say, 1818. Journ. Acad. Nat. Sci. Philadelphia. 1:483. — RICHARDSON, 1900. Amer. Natur. 24:224. — RICHARDSON, 1901. Proc. U. S. Nat. Mus. 23:537.

Ancinus depressus (Say, 1818). MILNE EDWARDS, 1840. Hist. Nat. Crust. 3:226. — WHITE, 1847. List. Crust. Brits. Mus. p. 105. STEBBING, 1893. Hist. Crust. Intern. Sci. Ser. 71:336. — HANSEN, 1905. Quart. Journ. Micr. Sci. p. 132. — RICHARDSON, 1905. Bull. U. S. Nat. Mus. 54:271. — TATTERSALL, 1905. Fish. Irel. Sci. Invest. 2:11-18. — RICHARDSON, 1909. Proc. U. S. Nat. Mus. 36:175. — LEMOS DE CASTRO, 1959. Rev. Brasil. Biol. 19(2):215. — LOYOLA E SILVA, 1963. Bol. Univ. Paraná. Zool. 2(1):1-18. — LOYOLA E SILVA, 1967. Ciência e Cultura. 19(2):346.

Ancinus granulatus Holmes & Gay, 1909. Proc. U. S. Nat. Mus. 36:375. — LEMOS DE CASTRO, 1959. Loc. cit. — LOYOLA E SILVA, 1963. Loc. cit.

Ancinus brasiliensis Lemos de Castro, 1959. Rev. Brasil. Biol. 19(2):215-218. — LOYOLA E SILVA, 1963. Bol. Univ. Paraná. 2(1):1-18 (redescrição).

Diagnose: O corpo é deprimido com as margens laterais quase paralelas, de superfície lisa, mas com leves pontuações e delimitações semelhantes a celulares que lhe dão um aspecto artificial granuloso. O comprimento do corpo é igual a duas vezes e 1/4 a largura no quinto segmento torácico. As placas epiméricas são dobradas, em seu meio longitudinal, para baixo. A cabeça tem a largura de mais de três vezes o próprio comprimento. O processo interantenal é espatuliforme. O epístoma é ventral, colocado horizontalmente, estrangulado no meio; e sua ponta anterior, que é espatuliforme, não pode ser vista dorsalmente. A distância interorbital é cêrca da metade da largura da cabeça. A linha de fusão da cabeça com o primeiro segmento torácico, sem sutura, é igual a 1/8 da maior largura da própria cabeça. O pênis é composto de dois ramos reduzidos e bem separados. O primeiro segmento do abdômen é completamente fundido com o télson; tem uma única sutura em cada lado, justo atrás do 7.º segmento torácico, na zona epimeral. O télson é um pouco mais comprido que largo, tem as margens laterais dobradas para baixo e para dentro e sua extremidade atenua-se para um ápice obtuso ou levemente truncado. O comprimento da primeira antena equivale a quase à metade do comprimento do corpo do animal e, quando distendida para trás, ultrapassa o 4.º segmento torácico. O 1.º artícuulo do pedúnculo, quase o dôbro do 2.º, em

comprimento e largura. O flagelo da primeira antena varia em número de artícuos, desde 9 até 18. O segundo artícuo do flagelo é o mais comprido de todos, cêrca de 7 vêzes o comprimento do primeiro. A segunda antena é menor que a primeira e, quando distendida para trás, ultrapassa o terceiro segmento torácico. O segundo artícuo peduncular é o mais comprido de todos, sendo cêrca de duas e meia vêzes o comprimento de qualquer dos três precedentes. O flagelo da 2.^a antena varia entre 9 e 10 artícuos. A mandíbula é robusta e tem o incisivo de 3 cúspides. Ambas as mandíbulas têm lacínia móvel, bicúspide. O endite interno da primeira maxila é degenerado. A segunda maxila é composta de dois lobos. O maxilípede é curto, tem um ou dois ganchos e tem um palpo desenvolvido; o 2.^o, 3.^o e 4.^o artícuos do palpo têm projeções internas desenvolvidas. Os basipoditos de todos os pereiópodes têm o comprimento cêrca de 3 vêzes as suas próprias larguras. O isquiopodito de todos os pereiópodes é cêrca de o dôbro de sua própria largura. O propodito do primeiro pereiópode é laminar com a margem externa muito alargada, sendo a maior largura quase igual ao próprio comprimento. O podito, dobrado sôbre o propodito, forma uma quela no 1.^o pereiópode, tanto no macho como na fêmea. Na fêmea o 2.^o pereiópode é normal mas no macho se dá a mesma formação subqueliforme. O propodito do 2.^o pereiópode no macho é mais desenvolvido do que qualquer um dos outros pereiópodes que se seguem. O 1.^o pleópode é reduzido e uniramoso e seu basipodito é mais comprido que largo. O 2.^o pleópode é opercular e o seu endopodito é mais desenvolvido que o exopodito. Os urópodes no macho têm o comprimento quase igual ao do télson e na fêmea são um pouco mais curtos.

Descrição — Consulte: LOYOLA E SILVA, 1963. Bol. Univ. Paraná. Zoologia. 2(1):1-19.

Dimorfismo sexual: As fêmeas ovíferas são menores que os machos adultos, e seus ovos e embriões desenvolvem-se em uma grande bolsa marsupial. Tanto o macho como a fêmea apresentam o 1.^o pereiópode do tipo queliforme. O 2.^o pereiópode no macho assemelha-se ao 1.^o por ser também do tipo queliforme, o que não acontece com a fêmea em que o 2.^o pereiópode é de estrutura normal, ambulatório, como os outros que se seguem. Êste é o melhor caráter da espécie para se separar com facilidade

os machos e fêmeas. Os urópodes nos machos são sempre um pouco mais longos que os das fêmeas.

Variações intraespecíficas: Tivemos em mãos, um lote de 30 exemplares, da costa leste da Praia dos Padres, Texas, U.S.A., entre os quais estudamos o maior número de variações que abaixo expomos. Pudemos verificar vários outros exemplares de outras localidades estadunidenses. Isso permitiu-nos o levantamento de uma série de variações nesta espécie, as quais levaram alguns autores a instituírem novas espécies.

O corpo do macho adulto varia em comprimento desde 8 mm até 12,5 mm e as larguras são mais ou menos equivalentes à metade desses comprimentos. O flagelo da primeira antena é muito variável e pode apresentar desde 9 até 18 artícuos. O flagelo da segunda antena pode ter 9 ou 10 artícuos. A terminação telsônica tem ocasionado muita divergência e, como pudemos examinar nos diversos exemplares de um mesmo lote, varia desde o ápice obtuso até o mais ou menos truncado. Segundo bibliografia, essa terminação varia de um autor para o outro, e podemos dizer que depende do animal usado para a confecção do desenho e também da posição do animal na hora da feitura do desenho. Por exemplo, deixando a terminação telsônica um pouco levantada na hora de desenhar o animal, o ápice será visto com uma leve emarginação. Isso acontece porque na face inferior do ápice do télson forma-se um sulco pelo dobramento de suas margens laterais para baixo. Justamente essa configuração é que dá idéia de uma maior emarginação. De acôrdo com a figura de RICHARDSON (1905: 272), a terminação telsônica de *Ancinus depressus* é emarginada. Examinei o holótipo na Philadelphia Academy of Natural Sciences, o próprio que RICHARDSON usou para seus desenhos. É um exemplar sêco e, por êste motivo, permaneceu com a terminação telsônica um pouco levantada; êsse fator, somado ainda com a existência do sulco da face inferior do ápice do télson, resultou uma mais acentuada emarginação. Há sem dúvidas num mesmo lote exemplares que apresentam o ápice telsônico um pouco mais emarginado que os outros, mas há também exemplares em que o ápice do télson é obtuso (LOYOLA E SILVA, 1963:8). Tal terminação deixa o télson um pouco mais comprido. Não devem ser êsses os motivos para a instituição de espécies

diferentes de *Ancinus depressus* (Say, 1818), como já aconteceu. A coloração varia desde o branco calcário, branco amarelado, cinza claro até alguns poucos exemplares, marrom claro.

Ecologia e distribuição geográfica: Como colocamos em sinonímia de *Ancinus depressus* (Say, 1818), as espécies *Ancinus granulatus* Holmes & Gay, 1909 e *Ancinus brasiliensis* Castro, 1959, aumentou muito a distribuição geográfica desta espécie. O holótipo de *Ancinus depressus* (Say, 1818), que se encontra na Academy of Natural Sciences of Philadelphia, conservado a seco, foi encontrado em Egg Harbor, New Jersey, em pequenas bacias de água do mar, que ficam nas praias, deixadas pelo recesso da maré. Ocorrendo a uma profundidade de "7½ fathoms" (13,71 m) em areia fina, foram coletados 4 exemplares pelo "Fish Hawk", fora da entrada de Chesapeake Bay, estação 8369. Da estação 2289, perto do Cabo Hatteras, foram coletados pelo "Albatross" dois exemplares em profundidade de "7 fathoms" (12,80 m) em fundo arenoso e de cascalho. Na coleção do U. S. Nat. Museum, existem também exemplares de Beaufort, N. C.; de Pelican Bank, S. C.; da praia de leste de Padre Island, Texas e de Boca Chica, também do Texas, U.S.A. Ainda na costa leste dos Estados Unidos existem referências da ocorrência desta espécie em Woods Hole, Massachussets.

A espécie descrita por HOLMES & GAY, que é a mesma *Ancinus depressus* (Say, 1818), ocorre na costa oeste dos Estados Unidos, perto de Coronado Island, Califórnia, e foi coletada de uma profundidade de "3 fathoms" (5,48 m).

No Brasil, a espécie de CASTRO, que também é sinônimo de *Ancinus depressus* (Say, 1818), procede do litoral do Rio de Janeiro. Foi encontrada a cerca de 1,50 m de profundidade em fundo arenoso. Os exemplares redescritos por LOYOLA E SILVA são procedentes do litoral de São Paulo, Ubatuba, Enseada do Flamengo (estação 4 (8) III, a 6 m de profundidade, vivendo em fundo lodoso e também de conchas.

Discussão: Quando trabalhávamos na redescricao da espécie de *Ancinus*, do litoral brasileiro, algumas dúvidas pairavam sem solução. Por exemplo: ao comparar os desenhos de corpo inteiro dos então *Ancinus granulatus* e *Ancinus brasiliensis*

tive a impressão de serem uma única espécie, não somente pela conformação corpórea, mas também em nenhum dos dois desenhos existia a fusão da cabeça com o primeiro segmento do tórax. O exemplar que eu estava a descrever, por apresentar a fusão do primeiro segmento do tórax com a cabeça, seria logicamente uma espécie nova, e estive impedido a fazer isso. Após consulta, o autor de *A. brasiliensis* confirmou a nossa suposição de que o holótipo desta espécie também apresentava a mesma fusão. Assim sendo, não tivemos dúvidas em confirmar *A. brasiliensis* como uma boa espécie e demos como principal caráter a fusão do primeiro segmento do tórax com a cabeça, mas com a ressalva "se não for um caráter genérico" (1963:18). Hoje em dia, após termos estudado os tipos no U. S. National Museum, vemos que nossas suposições a respeito dessa ressalva eram boas.

O corpo de *A. granulatus* é liso e pontuado e não granuloso como queriam os seus autores. O que os levou a dizer isso foram as formações subcuticulares do tipo celular ou em mosaico que dão um aspecto granuloso, mas na realidade, a superfície é lisa. Falharam êsses autores e, não sei porque, quando disseram das proporções corpóreas, pois tive a oportunidade de desenhar o holótipo da espécie por êles instituída e o corpo é estreito, e tem as mesmas proporções de *A. depressus* e *A. brasiliensis*. Como se depara do contido no trabalho do autor brasileiro, o que o levou a instituir uma nova espécie dentro do gênero *Ancinus* Milne Edwards, 1840, foram justamente os caracteres opostos a êstes, ou sejam a superfície do corpo não granulosa e as proporções corpóreas (CASTRO, 1959). Agora, após termos feito o estudo do holótipo de *Ancinus granulatus* que se acha no United States National Museum, Cat. 39046, como prevíamos (1963:18), também há fusão da cabeça com o primeiro segmento do tórax e, comparando os outros caracteres, podemos dizer que as espécies instituídas por HOLMES & GAY, 1909, e por CASTRO, 1959, são na realidade uma única.

SAY (1818:483), quando descreveu *Ancinus depressus*, disse: o télson atenua-se para um ponto obtuso. RICHARDSON (1905:272), ao redescrever esta espécie, figura o télson com a ponta nitidamente truncada emarginada. Estudamos o holótipo desta espécie, e a configuração apresentada por RICHARD-